

# Demandas e Contextos da Educação no Século XXI

Karina Durau  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Karina Durau  
(Organizadora)

# Demandas e Contextos da Educação no Século XXI

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D371 Demandas e contextos da educação no século XXI [recurso eletrônico] / Organizadora Karina Durau. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Demandas e Contextos da Educação no Século XXI; v. 1)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-082-7  
DOI 10.22533/at.ed.827190402

1. Educação. 2. Ensino superior – Brasil. I. Durau, Karina.  
CDD 378.81

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Demandas e contextos da educação no século XXI” apresenta um conjunto de 62 artigos organizados em dois volumes, de publicação da Atena Editora, que abordam temáticas contemporâneas sobre a educação no contexto deste século nos vários cenários do Brasil. No primeiro volume são apresentados textos que englobam aspectos da Educação Básica e, no segundo volume, aspectos do Ensino Superior.

Práticas pedagógicas significativas, avaliação, formação de professores e uso de novas tecnologias ainda se constituem como principais desafios na educação contemporânea. São tarefas desafiadoras, porém que atraem muitos pesquisadores, professores e estudantes que buscam discutir esses temas e demonstram em suas pesquisas que o conhecimento sobre todos os aspectos que envolvem os processos de ensino e de aprendizagem na Educação Básica e no Ensino Superior requerem uma prática pedagógica reflexiva. Muitas pesquisas indicam que cada grupo de docentes e discentes, em seus contextos social e cultural, revelam suas necessidades e demandam uma reelaboração sobre concepções e práticas pedagógicas para os processos de ensino e de aprendizagem.

Nessa perspectiva, o volume I desta obra é dedicado aos pesquisadores, professores e estudantes que se aplicam aos estudos de toda a complexidade que envolve os processos de ensino e de aprendizagem da Educação Básica, incluindo reflexões sobre políticas públicas voltadas para a educação, práticas pedagógicas, formação inicial e continuada de professores, avaliação e o uso de novas tecnologias na educação.

Já o volume II é dedicado aos pesquisadores, professores e estudantes que se interessam pelas demandas do Ensino Superior, como a relação entre a teoria e a prática em diversos cursos de graduação, seus processos de avaliação e o uso de tecnologias nesse nível da educação.

Assim esperamos que esta obra possa contribuir para a reflexão sobre as demandas e contextos educacionais brasileiros com vistas à superação de desafios por meio dos processos de ensino e de aprendizagem significativos a partir da (re) organização do trabalho pedagógico na Educação Básica e no Ensino Superior.

Karina Durau  
(Organizadora)

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NO ESTADO DO AMAZONAS	
Felipe Lopes de Lima Jeanne Araújo e Silva Lúcia Regina Silva dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A PRÁTICA DIDÁTICA E PEDAGÓGICA DIANTE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL	
Nadja Regina Sousa Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
PROJETO PEDAGÓGICO INOVADOR EM UMA ESCOLA PÚBLICA: O PAPEL DO CONHECIMENTO E DO PROFESSOR	
Maria Cecília Sanches	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
INFÂNCIA E DESCOLONIZAÇÃO: EMANCIPAÇÃO COMO ENCONTRO OU ROMPIMENTO ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS?	
Antonio Gonçalves Ferreira Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
PEDAGOGIA DE PROJETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CEMEI VISCONDE DE ITABORAÍ	
Alexandra de Souza Silva dos Santos Simone de Oliveira da Silva Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
IMPLEMENTAÇÃO DAS ÁREAS DE INTERESSE EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE VIÇOSA – MG	
Andreza Teixeira Guimarães Stampini Maria de Lourdes Mattos Barreto Naise Valeria Guimarães Neves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
ONLINE OU OFFLINE? VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS: A UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERNOS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Aparecida do Nascimento Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8271904027</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 67**

O BRINCAR E O LETRAMENTO COMO POSSIBILIDADE DE SANAR AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Miriam Paulo da Silva Oliveira  
Rosilene Pedro da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.8271904028**

**CAPÍTULO 9 ..... 74**

A ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA E O TRABALHO DIDÁTICO

Paulo Eduardo Silva Galvão

**DOI 10.22533/at.ed.8271904029**

**CAPÍTULO 10 ..... 84**

A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM OLHAR DO PROFESSOR SOBRE O ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA INCLUSO

Maria José de Souza Marcelino  
Maria José Calado Souza

**DOI 10.22533/at.ed.82719040210**

**CAPÍTULO 11 ..... 97**

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: NÍVEIS DE ESTRESSE DOS DOCENTES FRENTE À INCLUSÃO

Andréa Santana  
Eliane Aparecida Mendonça  
Franciele Viviane Ismarsi  
Nayara Leticia Gonçalves  
Suzana Barbosa Nicolau  
Rádila Fabricia Salles

**DOI 10.22533/at.ed.82719040211**

**CAPÍTULO 12 ..... 120**

PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE FORMADORES EM LENTE MULTIFOCAL: FORMANDO ME FORMO, ME INFORMO, ME RECONSTRUO...

Sueli de Oliveira Souza  
Simone Albuquerque da Rocha

**DOI 10.22533/at.ed.82719040212**

**CAPÍTULO 13 ..... 131**

EDUCAÇÃO DO CAMPO E O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Luzanira de Deus Pereira da Silva  
Regina Aparecida Marques

**DOI 10.22533/at.ed.82719040213**

**CAPÍTULO 14 ..... 140**

FORMAÇÃO CONTINUADA E AUTONOMIA PROFISSIONAL À LUZ DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

Michelle Castro Silva

**DOI 10.22533/at.ed.82719040214**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>147</b>
HABILIDADES DE REFLEXÃO FONOLÓGICA E ALFABETIZAÇÃO: SABERES E FAZERES INCORPORADOS À AÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DE ALFABETIZADORAS	
Edeil Reis do Espírito Santo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>162</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LITERATURA NO ENSINO A DISTÂNCIA	
Giselle Larizzatti Agazzi	
Maria Teresa Ginde de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>172</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES E USO DE TIC: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Rosana Maria Luvezute Kripka	
Lori Viali	
Regis Alexandre Lahm	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>183</b>
A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLARIDADE EM CICLOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O DIREITO À EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Regina Aparecida Correia Trindade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>196</b>
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE UBERABA/MG/BRASIL	
Eliana Cristina Rosa	
Daniel Omar Arzadun	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>214</b>
DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE MIRASSOL D'OESTE – MT	
Cláudia Lúcia Pinto	
Geovana Alves de Lima Fedato	
Valcir Rogério Pinto	
Julio Cezar de Lara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>233</b>
A PERSPECTIVA DISCENTE RELACIONADA AO USO DE DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS NO AMBIENTE ACADÊMICO	
Carla Oliveira Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>245</b>
O BLOG COMO SUPORTE DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Manoel Guilherme De Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040222</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>254</b>
SALA DE AULA INVERTIDA COM WHATSAPP	
Ernane Rosa Martins	
Luís Manuel Borges Gouveia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>264</b>
USO DO WHATSAPP NO COTIDIANO DAS PESSOAS IDOSAS: LETRAMENTO DIGITAL NA INTERAÇÃO COMUNICATIVA	
Estêvão Arruda Borba Santiago Guimarães	
Zuleide Maria de Arruda Santiago Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>274</b>
AS FASES DA GESTÃO DE PROJETOS APLICADAS À PRODUÇÃO ÁGIL DE CONTEÚDOS EDUCACIONAIS ONLINE	
Felipe Paes Landim	
Marcos Andrei Ota	
Jane Garcia de Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>283</b>
BALEIA AZUL E 13 REASONS WHY: ATÉ QUE PONTO A INTERNET INTERFERE NA IDEIAÇÃO SUICIDA?	
Júlia Sprada Barbosa	
Giovana Chaves Mendes	
Marina Dilay de Oliveira	
Matheus Novak Corrêa	
Nathalia Akemi Shimabukuro	
Cloves Antonio de Amissis Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>291</b>
PRÁTICAS EDUCATIVAS NA REDE FEDERAL: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Tatiana Das Mercês	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>305</b>
ESTILOS DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS E JOVENS E A METODOLOGIA DOS EPISÓDIOS DE APRENDIZAGEM SITUADA	
Monica Fantin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>318</b>
LETRAMENTO LITERÁRIO E INTERSEMIOSE: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR DA POESIA DE GREGÓRIO DE MATOS	
Marta da Silva Aguiar	
Dayane Gomes da Silva Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040229</b>	

**CAPÍTULO 30 ..... 331**

MULTILETRAMENTOS COM GÊNERO NOTÍCIA: DO IMPRESSO AO DIGITAL

Cristiane Coitinho de Sousa

**DOI 10.22533/at.ed.82719040230**

**CAPÍTULO 31 ..... 342**

ALUNOS DA TURMA “E”: REFLEXÕES E INFLEXÕES SOBRE ESTIGMATIZAÇÃO NO ÂMBITO ESCOLAR

Laertty Garcia de Sousa Cabral

Gabriel Ginane Barreto

Ângela Cristina Alves Albino

**DOI 10.22533/at.ed.82719040231**

**CAPÍTULO 32 ..... 352**

AVALIAÇÃO EXTERNA – PERSPECTIVA DE CONTRIBUIÇÃO À APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL RITA PAULA DE BRITO

Maria Zilmar Timbó Teixeira Aragão

Silvany Bastos Santiago

**DOI 10.22533/at.ed.82719040232**

**CAPÍTULO 33 ..... 363**

ESTUDO SOBRE A CORREÇÃO DAS AVALIAÇÕES BIMESTRAIS APLICADAS NA EEEP RAIMUNDO SARAIVA COELHO APARTIR DA UTILIZAÇÃO DA PLATAFORMA GRADECAM

Maria Francimar Teles de Souza

Rosa Cruz Macêdo

José Oberdan Leite

Antônia Lucélia Santos Mariano

Renata Eufrásio de Macedo

Dennys Helber da Silva Souza

**DOI 10.22533/at.ed.82719040233**

**CAPÍTULO 34 ..... 374**

ANÁLISE DA REPROVAÇÃO DE ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO DO INTERIOR DE GOIÁS

Joceline Maria da Costa Soares

Karolinny Gonçalves Guida

Luciana Aparecida Siqueira Silva

Christina Vargas Miranda e Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.82719040234**

**CAPÍTULO 35 ..... 382**

METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO AVALIATIVO

Wony Fruhauf Ulsenheimer

Eriene Macêdo de Moraes

Taynan Brandão da Silva

Cristiani Carina Negrão Gallois

Vânia Lurdes Cenci Tsukuda

André Ribeiro da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.82719040235**

<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>390</b>
“SOBEJAS PROVAS DE UM PROCEDIMENTO IRREPREHENSIVEL” AGOSTINHO LOPES DE SOUZA – A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR PRETO NA CIDADE DE CUIABÁ NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Paulo Sérgio Dutra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040236</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>401</b>
A IDENTIDADE FEMININA DA JOVEM NEGRA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: AS VEREDAS TRAÇADAS POR AYA	
Maria Letícia Costa Vieira Patrícia Cristina de Aragão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040237</b>	
<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>414</b>
PATENTEANDO AO PÚBLICO: ESCOLARIDADE E TRABALHO, PRESENÇA DE PRETOS E PARDOS NA SOCIEDADE CUIABANA ENTRE OS ANOS DE 1850 E 1890	
Paulo Sérgio Dutra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040238</b>	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>427</b>
PSICOLOGIA ESCOLAR: A PROMOÇÃO DO VALOR DA AMIZADE E AUTOESTIMA COMO ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO ÀS ADVERSIDADES DO CONTEXTO ESCOLAR	
Daniela Pereira Batista de Paulo Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82719040239</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>438</b>

## ALUNOS DA TURMA “E”: REFLEXÕES E INFLEXÕES SOBRE ESTIGMATIZAÇÃO NO ÂMBITO ESCOLAR

**Laerty Garcia de Sousa Cabral**

Universidade Federal da Paraíba, centro de ciências agrárias, Areia-PB

**Gabriel Ginane Barreto**

Universidade Federal da Paraíba, centro de ciências agrárias, Areia-PB

**Ângela Cristina Alves Albino**

Universidade Federal da Paraíba, centro de ciências agrárias, professora do departamento de Ciências Fundamentais e Sociais, Areia-PB.

**RESUMO:** O presente estudo analisa a organização de turmas em escolas de Educação Básica a partir de observações sistematizadas desenvolvidas no processo de Estágio Supervisionado na Licenciatura. A estigmatização ao nomear e ordenar as turmas “A” são mais desenvolvidas e turmas “E”, são menos desenvolvidas. Essa caracterização, dentre outras que elucidamos, contraria pressupostos de desenvolvimento humano e, especificamente, não comunga dos princípios sócio interacionistas que são fundantes nos estudos de Lev Vygotsky. Pode-se observar através da análise das escolas que grande parte destas utilizam essa conformação de agrupamento de indivíduos com capacidades cognitivas semelhantes, levando assim a comprometer de certa forma o desenvolvimento

dos que ali estão, bem como se instaurar cada vez mais o processo de estigmatização que vem se tornando “papel” da escola, reduzindo a satisfação com a rede pública de ensino, onde a comunidade passa desacreditar na sua capacidade formadora e instrutora.

**PALAVRAS-CHAVE:** organização escolar, socialização, estigma

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the classes organizations on Basic Education schools based on systematized observations developed in the process of Supervised Internship in the Licentiate. The stigmatization on nominate and ordinate classes is very common, understanding that the class “A” is better or superior to class “E”. This characterization, between others that we elucidated, contrary human development assumptions and, specifically, do not share with the socio-interactionist principles that are based on the studies of Lev Vygotsky. Through the analyses, many schools use this conformation of grouping of individuals with similar cognitive capacities, thus leading to compromise the development of those who are there, and instituting the process of stigmatization has become the school’s “role”, reducing the public school system satisfaction, where the community starts to discredit the educational and instructional capacity.

**KEYWORDS:** school organization, socialization,

stigma.

## 1 | INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano se dá de acordo com inúmeros fatores, onde podemos considerar desenvolvimento biológico, afetivo, cognitivo, social, motor, entre outros. Esse desenvolvimento está atrelado a uma contínua evolução das capacidades. Alguns autores citam que esse desenvolvimento não se dá de forma linear devido está associado a esses diversos campos da existência.

O meio ao qual estamos inseridos é de grande valia para que esse processo ocorra em maior ou menor intensidade, considerando todos os fatores possíveis, como o social, financeiro, cultural, as práticas vividas por estes e suas interações. Rabelo e Passos, 2010, trás que os seres humanos nascem “mergulhados em cultura”, e é claro que esta será uma das principais influências no desenvolvimento.

Somos seres que desde as fases iniciais nos desenvolvemos pela observação, podemos resgatar um termo usado por Aristóteles em quase toda sua obra que é a *Mimesis*, termo filosófico que compreende inúmeros significados, mas que em linhas gerais é o ato de se assemelhar e associar as fases iniciais do desenvolvimento humano.

Com a observação, imitação e interação social criam-se formas de agir nesse meio social, moldando-nos ou moldando-o de acordo com a nossa vontade, desejo, sendo que para tal ponto, o desenvolvimento deve está de certa forma mais acentuado no ser quanto indivíduo e no seu reconhecimento quanto protagonista e interventor neste meio ao qual está inserido.

Quando voltando um olhar mais crítico para organização escolar, percebe-se a não utilização de certas metodologias estudadas preteritamente que tratam de formas para melhor desenvolver os indivíduos que ali se encontram, e que se dá ativamente em fases importantes do desenvolvimento, nos anos iniciais de escolarização, desenvolvimento esse ainda em todos os aspectos citados acima, pois nessa fase não existe fixação de nenhuma característica desenvolvida, seja ela biológica ou cognitiva.

Elucidando a grande importância de estudar essa organicidade serão abordados trabalhos de um intelectual importante no estudo do desenvolvimento cognitivo humano, Lev Vygotsky.

A obra de Vygotsky é contemporânea dos primeiros trabalhos de Piaget, ainda que o conjunto do seu vasto contributo científico só tenha sido objeto de tentativas coerentes de aplicação e de desenvolvimento no Ocidente a partir de meados dos anos setenta e no início dos anos oitenta (MINICK, STONE E FORMAN, 1993).

Para Vygotsky, o desenvolvimento consiste num processo de aprendizagem do uso das ferramentas intelectuais, através da interação social com outros mais experimentados no uso dessas ferramentas (PALINESAR, BROWN e CAMPIONE, 1993).

Um aspecto importante da teoria de Vygotsky é a ideia da existência de uma área potencial de desenvolvimento cognitivo, definida como a distância que medeia entre o nível atual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade atual de resolver problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob orientação de adultos ou colaboração com seres mais capazes (VYGOTSKY, 1978).

A aplicação de sua abordagem na prática educacional requer, primeiramente, que o instrutor reconheça a ideia desta zona proximal e a estimule ao desenvolvimento cooperativo e colaborativo, procurando promover assim, um caminho de aprendizagem adequado, capaz de conduzir o aprendiz de sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) ao Nível de Desenvolvido Real (NDR) (VYGOTSKY, 1988).

A motivação para este trabalho e embasado nas obras de Vygotsky foi à análise da realidade de uma escola de Ensino Fundamental das cidades de Areia e Remígio, ambas localizadas no brejo paraibano, onde existe uma estigmatização de certas turmas, com grandes inflexões quando se voltando para estas teorias, havendo concentração de alunos em condição de repetência e déficit de atenção em algumas destas, levando assim a ser menosprezada e secundarizada pelos próprios professores.

O trabalho tem por objetivo correlacionar à teoria da aprendizagem trazida por Vygotsky com a atual forma de organização de escolas da rede pública de ensino das cidades de Remígio e Areia, ambas no estado da Paraíba, buscou-se constatar se estas escolas tendem a agrupar indivíduos que estão na mesma zona de desenvolvimento, contrariando alguns princípios de organização para aprendizagem na perspectiva sócio interacionista.

As problemáticas desenvolvidas no estudo buscaram responder algumas questões: Como as escolas da rede pública de ensino das cidades Remígio e Areia estão distribuindo os alunos por turma? Até que ponto o agrupamento de indivíduos em estágio de desenvolvimento análogo proporciona facilidade na transmissão e assimilação do conhecimento? Quais as repercussões na motivação e aprendizado destes, quando estigmatizados por certos docentes e ou gestores? Sendo que outras questões podem ser abertas no decorrer do trabalho.

## **2 | ORGANICIDADE DA ESCOLA: DISPOSIÇÃO DOS DISCENTES NAS SALAS**

As escolas cinco escolas analisadas estão distribuídas nos municípios de Areia e Remígio, PB, apresentam-se como boa parte instituições públicas de ensino de nível fundamental, com estrutura física a desejar, tal como conservação e conforto, oferecendo o básico aos que ali se encontram. Adaptada para continuar a sua funcionalidade, dispõe de uma área principal com quatro salas, banheiro, pátio de recreação com uma boa área, bebedouro, salas de direção, professores e cantina.

Observação e perguntas como: “Como está à distribuição de alunos por salas?”,

“Quais critérios são usados para o agrupamento destes?”, foram à mola precursora para análise de como se dava essa concentração e distribuição por salas na escola.

A concentração de alunos por desenvolvimento cognitivo se faz presente em todas as escolas analisadas, bem como em muitas outras da região, as salas, subdivididas em letras “A,B,C,D...” assim sucessivamente, desempenham um papel segregador e estigmatizador dentro da própria instituição de ensino, hierarquizando o conhecimento.

Os alunos que se apresentam em estado de repetência, são concentrados nas últimas variações do ano ao qual estão cursando, no caso em específico às turmas “E” e “F” são as acolhedoras desses discentes. O método adotado é usado em todos os anos ofertados pelas instituições.

Há uma tendência de afastar os alunos “fracos” de uma maior participação. A turma de “fracos” é vista como um “presente de grego”, e as mães dos alunos “fortes” não querem seus filhos misturados com os “repetentes”. Às vezes há um certo desabafo sobre esses alunos “favelados” que estudam nas escolas, pois atrapalham o rendimento dos outros. (VALLA. 1994, p. 69).

Pode-se citar em particular o caso de um 6º ano, em específico o “E”, que possui o maior número de repetentes da escola quando se analisando por ano, deixando assim alunos que estão no mesmo nível de desenvolvimento juntos.

A alta taxa de reprovação é problema de longa data na educação brasileira (Freitas, 1947; Brandão, Baeta, Rocha, 1983; Costa-Ribeiro, 1991). Ainda que a reprovação tenha diminuído no Brasil, em especial durante parte da década de 1990, a não aprovação (reprovação e abandono) estabilizou-se na faixa de 26%, patamar ainda extremamente elevado. (Alves, Ortigão, Franco, 2007).

Tanto quanto os pais de alunos, os professores das escolas públicas estão insatisfeitos com os resultados que conseguem obter em suas classes. Lutando sempre com os mesmos problemas (os baixíssimos salários, números excessivo de alunos por turma, escolas em más condições de funcionamento, alunos com experiência de vida muito diferentes, currículos que, na prática, não conseguem interessar as crianças), os professores de modo geral se mostram descrentes da idéia de que, no fundo, a escola possa ter alguma serventia para quem a frequenta. (VALLA, 1994, p.54)

De acordo com análises feitas através de observação e diálogo com professores, podemos fazer um breve comparativo entre turmas, levando em consideração as que se encontram com maior número de repetentes, e as que estão com alunos em condição regular, onde as turmas que possuem somente alunos regulares apresentam maior organicidade, os professores conseguem conter e manter os alunos, as atividades conseguem ser transmitidas sem maiores prejuízos e de acordo com os professores, se faz efetivo o processo de ensino-aprendizagem, em contrapartida o oposto se vê nas turmas com concentração de repetentes.

Com o agrupamento, será mais fácil o trânsito do conhecimento professor-aluno,

pois estão teoricamente no mesmo nível de desenvolvimento?

### 3 | DO AGRUPAMENTO DE “IGUAIS” À ESTAGNAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

A psicologia sócio-histórica traz em seu bojo a concepção de que todo homem se constitui como ser humano pelas relações que estabelece com os outros. Desde o nosso nascimento somos socialmente dependentes dos outros e entramos em um processo histórico que, de um lado, nos oferece os dados sobre o mundo e visões sobre ele e, de outro lado, permite a construção de uma visão pessoal sobre este mesmo mundo (MARTINS, 1997).

Essa dependência do outro para os processos de aprendizagem e desenvolvimento é claramente mostrada por Vygotsky em toda sua obra, o ser humano, enquanto um ser social e sociável depende inteiramente do outro, claro, de outro ser mais desenvolvido que permita a troca mútua de conhecimento e aprendizado.

Ao ponto que se concentra em determinado espaço, várias pessoas com um grau de conhecimento equilibrado ou igual, gera-se um estado de estagnação de conhecimento, pois não haverá troca de novas informações, se mantendo assim da mesma forma ao qual estavam.

Quando se voltando os olhos para uma sala de aula com crianças de faixa etária entre 12 e 15 anos, onde a maioria é repetente, pode-se dizer que ocorrerá a mesma coisa, haverá uma estagnação de conhecimento, com mínimas trocas, pois a presença e a participação ativa do outro interfere diretamente na aprendizagem, seguindo por esse pressuposto, Vygotsky quer trazer que quando interagimos aprendemos mais.

Com isso podemos explorar melhor o conceito de ZDP, que abrange atividades que a criança só conseguirá realizar com o auxílio de alguém, que pode ser o professor, os pais ou colegas que já sabem como a tarefa pode ser realizada.

Como esses alunos não conseguem nas suas interações sociais pessoas mais capacitadas, com exceção do professor, tendem a se manter estáticas, e não procuram se impulsionar ao aprendizado, esse impulso, seria um estímulo próprio. Faz-se necessário inferir que, para Vygotsky, o ser humano não é submetido a estímulos que controlam o seu comportamento. Pelo contrário, é ele quem controla o estímulo que irá provocar o seu próprio comportamento.

Querendo ou não, a criança está diretamente ligada e em mais contato com seus colegas, que com seus professores. Levando em consideração essa afirmativa, corrobora com toda ideia aqui discorrida, sobre o agrupamento de crianças no mesmo nível cognitivo, deixando assim muitas lacunas que poderiam ser simplesmente solucionadas, apenas pela simples observação, estudo de caso e aplicação de uma metodologia que já vem sendo estudada há bastante tempo.

#### 4 | ALUNOS DA ZONA RURAL: SEGREGAÇÃO, RURAL E URBANO

Algumas das escolas analisadas apresentavam um aspecto em particular, quando se tratando de alunos da zona rural. Além de segregação/agrupamento dos alunos por grau de conhecimento, estas tendem a agrupar os alunos que vêm da zona rural em salas específicas, não permitindo que estes tenham interações mais efetivas com alunos da zona urbana.

Esse aspecto pode não parecer tão marcante, mas é evidenciado por Neisser, 1998, que os índices de associação podem oscilar dependendo de variáveis mediadoras (sociais e biológicas), como o grau de nutrição, a procedência geográfica, o grau de escolaridade, o nível econômico e o tipo de escola (particular ou pública) que os sujeitos frequentam.

Ou seja, a procedência geográfica que estes indivíduos têm, vão permitir que façam associações mais específicas a sua realidade, ou seja, seu desenvolvimento cognitivo tem aspectos que muitas vezes podem restringi-los, e negando a estes de interagir com outros indivíduos com realidades distintas, irá se acentuar as suas deficiências e fragilidades.

Estudos com aplicação de teste cognitivo com crianças da primeira e segunda série do fundamental, com faixa etária de sete a oito anos, resultou em primeiro lugar a superioridade cognitiva da amostra urbana em relação a rural, em segundo lugar que a diferença entre as amostras em um dos teste de inteligência é quase o dobro entre a amostra rural e urbana. (FLORES-MENDOZA e NASCIMENTO, 2007)

Portanto, esse tipo de abordagem só gera um maior *déficit* de aprendizado e desenvolvimento, como na zona rural o acesso as tecnologias e a modernização é mais retardada, esses alunos terão mais dificuldades de serem inseridos nesse meio, outro processo de estigmatização começa a ser traçado em paralelo aos dos alunos que se encontram em estado de repetência, que pode ser agravado aqueles que não conseguirem acompanhar a turma.

Uma característica dessas turmas, indo em oposição as turmas com concentração de repetentes, é a retração existente nos alunos, turmas mais estáticas, com interações mais fragilizadas, e que muitas vezes não são estimuladas pelo professores, pois tem as turmas como “boas” turmas, exclusivamente pelo comportamento, deixando de lado as avaliações que muitas vezes não atingem as expectativas diante do comportamento.

Não deixando de ser uma problemática que merece atenção, pois traz marcas para o desenvolvimento dos alunos que repercutem por toda a vida, onde, não sendo sanada nas fases iniciais tem graves efeitos na vida adulta em todos os seus aspectos.

#### 5 | DO PROCESSO DE FORMAÇÃO A ESTIGMATIZAÇÃO DA TURMA

O processo de construção de conhecimento em sala de aula é dificultado

diariamente devido à atratividade que se apresenta mínima para os alunos, e tende a ser reduzida, num mundo onde fora da sala de aula é mais dinâmico e apresenta inúmeras formas mais atrativas de aprendizado, como por exemplo, as mídias.

Podemos analisar outro aspecto que de certa forma é cabível para justificar até certo ponto o comportamento de boa parte das crianças, sendo a questão social ao qual estão inseridos, de maior parte, baixa renda, com numerosas dificuldades, e acima de tudo sem perspectivas para escola, tendo esta como refugio, e muitas vezes uma possível forma de conseguir uma refeição.

Boa parte das dificuldades trazidas por essas crianças, vêm de uma formação incompleta, de uma cultural ao qual está inserido. Relatos de agressão em casa são mais comuns do que muitos imaginam, e têm como reflexo, crianças mais agitadas que o normal. Para Assis e Deslandes (2006), a agressão física trás como resultado a convivência cotidiana com sentimentos de raiva, ambivalência do afeto e do ódio. Refletindo diretamente no desenvolvimento, aprendizado e postura adotada por este em sociedade.

O que percebemos é uma tensão vivida pelas crianças e famílias das classes populares que enviam seus filhos a escola, para o dito lugar do desenvolvimento humano e intelectual, lugar do direito, mas de onde, muitas vezes os mesmos são excluídos, gerando nas famílias um desestímulo em relação à escola pública.

O primeiro contato com professores foi um tanto quando impactante quando se referiam a determinada turma em específico, e ao ver a expressão que estes faziam ao somente ouvir o nome desta, não procurando nem disfarçar a insatisfação, nem poupando/medindo palavras para adjetiva-la.

Nesse ponto, questões surgem em relação às interações ocorridas entre professor/aluno no decorrer dessas aulas, e no transito desse conteúdo, que deve ser o mínimo possível, ou pelo menos dificultado pelas barreiras que são levantadas por esses docentes que já estão saturados desse sistema que fagocita a tudo e a todos.

Quando ouvindo depoimentos de alunos que estão inseridos nessa situação, nota-se que eles já aceitam com tranquilidade todos os estigmas que lhes são impostos, reduzindo assim cada vez mais sua autoestima, sua força de vontade que muitas vezes nem se faz presente, fortalecendo ainda mais a desmotivação que se encontram.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo esse pressuposto, pode-se afirmar que ao usar método de agrupamento em salas de aula, onde se concentra alunos em estado de repetência, e com grande déficit de conhecimento, se está restringindo o desenvolvimento destes, pois ambos se encontram em mesmo nível de desenvolvimento cognitivo.

A escola/gestão comete equívocos ao fazê-lo, pois como observado esse agrupamento, além de proporcionar esse *déficit*, ele traz estigmatização a essas

turmas, sendo ainda mais prejudicial para o desenvolvimento dessas crianças, pois cria numerosos bloqueios psicológicos, e leva a essas crianças acreditarem na sua incapacidade de se desenvolver e ou aprender.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (Vygotsky, 1988).

A função do professor e das instituições de ensino é clara para todos, e a preparação profissional para proporcionar melhor desenvolvimento possível e interação social dessas crianças é essencial, esse caminho do objeto até a criança e da criança até o objeto é um pouco falho e se mostra mais deficiente através da estigmatização ocorrida, pois somente reforça a incapacidade destes em relação aos demais.

A escola em si, culturalmente, é cheia de estigmas, mas que precisam ser desconstruídos dia-a-dia para que alguns processos essenciais, como ensino-aprendizagem, possam ocorrer com mais eficiência, e coisas simples podem ser feitas para possibilitar essa desconstrução, como, por exemplo, evitar adjetivação a certos alunos, ou turma por meio de professores e ou gestores.

Estudos relativos à psicologia cognitiva, baseada no processamento da informação, apontam que existe uma relação entre o uso adequado de estratégias de aprendizagem e um bom desempenho (Silva & Sá, 1997). A busca por estratégias é mínima quando se tratando da rede pública de ensino, mas devido os baixos incentivos monetários, levando os professores na maioria das vezes, buscar estratégias já obsoletas, e com eficácia baixíssima para integrar o aluno, a aula.

Por meio da utilização de instrumentos psicológicos, ocorre uma mediação entre as informações do meio externo com o interno, provocando mudanças na forma de ver e atuar no mundo, acontecendo aí uma interiorização (ALVAREZ, 1996). Ou seja, quando mudamos algo internamente e, por consequência, mudamos a nossa atuação no mundo, temos um sinal de que aprendemos algo novo.

Para essas crianças, seria mais importante uma estratégia que permitisse a interiorização de certos conceitos, para que assim, pudessem superar as dificuldades encontradas no âmbito escolar, que muitas vezes tem início na vida familiar, com déficit de instrução que boa parte dos componentes familiares apresenta.

Lacunas e lacunas existem em todos os métodos e abordagem, a subjetividade também deve ser aplicada e a análise individual dos discentes deve ocorrer diariamente, procurando sempre favorecer o desenvolvimento de cada um com trocas de informações mais efetivas, que se possa alcançar um nível de desenvolvimento real dentro das turmas onde o processo ensino-aprendizagem possa realmente ser promovido.

Turmas mistas, onde existam crianças em níveis de desenvolvimento diferentes seria o método mais correto a ser utilizado, pois como citado, e enfatizado por Vygotsky, potencializaria esse processo, e níveis mais avançados seriam alcançados com um esforço relativamente menor.

Fica claro, a importância do estudo prévio e capacitações envolta dessas temáticas, para que se possam encontrar formas de reduzir essas deficiências, que são comuns em muitas instituições de ensino público. Estudos básicos a cerca de psicologia da educação e ou psicologia cognitiva conseguem suprir de certa forma essas deficiências, pois conseguem mostrar caminhos a serem seguidos para que esse desenvolvimento ocorra da melhor forma possível.

Esta gama de elementos da área da psicologia cognitiva dá sustentação à análise do processo ensino-aprendizagem. Para esta reavaliação, a psicologia cognitiva pode contribuir com elementos que ajudam na reflexão sobre a compreensão da criança como um ser ativo, que elabora e verifica hipóteses e constrói conhecimento (PATRICIO E MORANDO, 2015).

Assim, estudos já desenvolvidos apontam o fracasso escolar como um fenômeno complexo, movido por fatores intra e extraescolares, sendo nos fenômenos intraescolares que os educadores devem agir. Nesse trabalho, nos dispomos a analisar o ordenamento estigmatizante que pode revelar-se como mais um fator de segregação e exclusão. Para tanto, é fundamental que os docentes reflitam criticamente a respeito de seus métodos e técnicas de ensino e de seus preconceitos, para que operem mudanças que levem à efetiva aprendizagem de seus alunos.

Educada é aquela vai à escola, pois é na escola que a criança é preservada da imoralidade. Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos, tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização [...]. (LOURO, 1997, p. 57)

## REFERÊNCIA

ALVAREZ, A; RÍO, P. D. (1996). **Educação e desenvolvimento: a teoria de Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Próximo**. In: Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artmed.

ALVES, F., ORTIGÃO, I., FRANCO, C. (2007). **Origem social e Risco de Repetência: Interação Raça-Capital Econômico**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 130, jan./abr.

BRANDAO, Z.; BAETA, A. M.; ROCHA, A. D. (1983). **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão**. Rio de Janeiro: Achiamé.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. (2006). **Abuso Físico em Diferentes Contextos de Socialização Infante-Juvenil**. P 51, in: Violência Faz Mal à Saúde, 1.<sup>a</sup> edição, Violência faz mal à saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 298 p.

- COLLARES, C. A. L. (1996). **Ajudando a Desmistificar o Fracasso Escolar**. In: [http://www.nutricaoemfoco.com.br/NetManager/documentos/ajudando\\_a\\_desmistificar\\_merenda\\_escolar.pdf](http://www.nutricaoemfoco.com.br/NetManager/documentos/ajudando_a_desmistificar_merenda_escolar.pdf). São Paulo, 192
- COSTA-RIBEIRO, S. A. (1991). **Pedagogia da repetência**. Estudos Avançados, v.5, n.12, p.7-21, maio/ ago.
- FLORES-MENDOZA, C. E; NASCIMENTO, E. D. (2007). **Rural children cognitive state**. Campinas: Estudos de Psicologia, v. 24(1), p. 13-22, janeiro-março.
- FREITAS, M. A. T. (1947). **A Escolaridade média no ensino primário brasileiro**. Revista Brasileira de Estatística, v.8, n.30/31, p. 295-474.
- LEITE, S. A. S. (1993). **Alfabetização escolar: Repensando uma prática**. Temas em Psicologia, v. 1, n. 3, p. 85-95.
- LOURO, Guacira. (1997). **A construção escolar das diferenças**. In: LOURO, G. (org.). Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: Vozes.
- MARTINS, J. C. (1997) **Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo**. Doutorado da Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP.
- MELLO, G. N. de. (1991). **Políticas públicas de educação**. estudos avançados, v. 5, n. 13, p. 7-47.
- MINICK, N.; SOTNE, C; FORMAN. E. (1993). **Introduction – Inegration of Individual, Social, and Institutional Processes in Account of Children’s Learning and Development**. In: Norris Minick, C Addison Stone e Ellice A. Forman (Ed), Contexts for Learning – Sociocultural Dynamics in Children’s Development. New York: Oxford University Press, P 3-16.
- NEISSER, U. (1998). **The rising curve**. Washington, DC: American Psychological Association.
- PALINESR, A.; BROWN, A.; CAMPIONE, J. (1993). **First-Grade Dialogues for knowledge Acquisition and Use**. In: Ellice A. Forman, Norris Minick e C. Addison Stone (Ed), Contexts for Learning. New York: Oxford University Press, P 43-57.
- PATRICIO , M. F. G. M. K.; MORANDO, E. M. G. (2015). **As contribuições da psicologia cognitiva na educação**. In: [http://www.ufjf.br/revistaa3/files/2015/09/A308\\_WEB.53.pdf](http://www.ufjf.br/revistaa3/files/2015/09/A308_WEB.53.pdf). A3.
- RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. (2010). **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. In: <http://www.josesilveira.com/artigos/vygotsky.pdf>. 09/10/2016, as 07:39.
- SILVA, A. L. & SÁ L. (1997). **Saber estudar e estudar para saber**. Cidade do Porto: Porto, , 2º Ed.
- VALLA. V. V. (1994). **A escola pública – Fracasso escolar, saúde e cidadania**. In: VALLA, V.V.: STORG, E. N. (org). Educação, saúde e cidadania. Petrópolis: Vozes.
- VYGOTSKY, L. S. (1993). **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na escola**. In: <http://interacao.info/diversos/Marcia/2012%20%20semestre/aprendizagem%20e%20desenvolvimento%20psicologia.pdf>. 1988, 09/10/2016, as 10:32.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. (1993). **Studies on the History of Behavior – Ape, Primitive, and Child**. Hillsdale NJ: Lawrence Erlbaum Associates. In: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/799/1/Fino%207.pdf>. 09/10/2016, as 10:22
- VYGOTSKY, L. S. (1978). **Mind in Society – The Development of Higher Psychological Processes**. Cambridge MA: Harvard University Press.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-082-7

